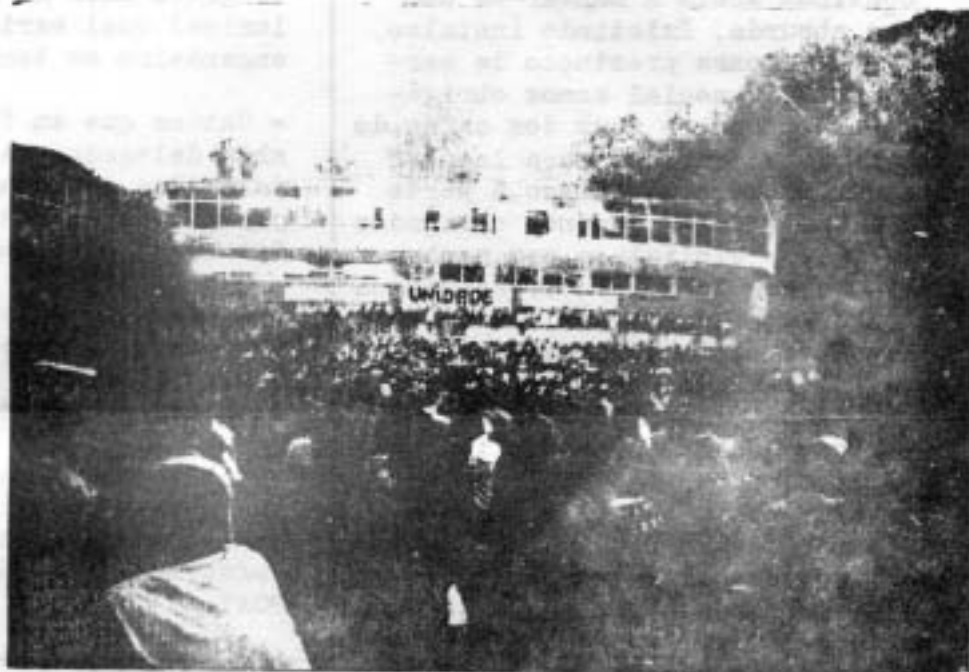


# DETERMINANTE

BOLETIM DA FACULDADE CIÊNCIAS Nº 2

ASSIM FOI EM 69...



... ASSIM SERA EM 74

## SOBRE O "EDIFICIO SOCIAL"...

Construido inicialmente com uma capacidade de 2.500 alunos, dispõe o novo edificio da secção de engenharia de diversos edificios de salas de aulas, laboratórios e uma secção chamada EDIFICIO SOCIAL. Nela existe a secretaria, cantina, uma ampla sala de convívio., uma sala de jogos, onde se encontravam inicialmente 2 mesas de Ping. Pong. e muitas outras salas para os mais diversos fins incluindo uma de Máquinas.

No ano transacto quando aí começaram a funcionar, pela primeira vez, aulas do 3º ano de engenharia, o "Edificio Social" se encontrava encerrado. Viram-se assim os estudantes privados, de um lugar de convívio, de estudo e de outras practicas sociais. Foi-lhes contudo dito, que tal edificio abriria no 2º semestre. O edificio abriu. Mas o que abriu foi para servir refeições das 12h às 14h. As salas de convívio, jogos e bar continuam encerradas e a permanencia de estudantes dentro destas instalações na cantina era vedada para alem das 14 horas.

(cont. p. seguinte)

Fez-se então crer que a abertura da Cantina era um grande favor(!), que não tínhamos que nos queixar pois estava prejudicado (!), como se as Cantinas Escolares fossem para dar lucro.

Por diversas vezes depois deste período perguntaram os estudantes ao director da faculdade, porque é que o edificio não abria. Receberam contudo sempre ou respostas evasivas ou simplesmente o meu silêncio, como aconteceu recentemente durante a greve dos transportes do inicio do ano.

Continua assim a manter-se uma situação absurda. Existindo instalações próprias para prestação de serviços e prática social somos obrigados a deslocarmo-nos a um dos cafés do Bairro Marechal Carmona para lanchar ou comprar um maço de tabaco a perto de 1Km de distância. Vemos obrigados a estudar numa biblioteca sem nenhum conforto, a conviver nos corredores ou nos átrios isto quando não está a chover. Vemo-nos ainda obrigados a fazer as sebatas havendo contudo na faculdade as máquinas para as imprimir.

Contudo quando os estudantes contactaram o Director da faculdade para a feitura de uma seбата de Medidas Electricas no copiografo da secção, esse afirmou que sebatas não eram bons elementos de estudo. Quem ainda não ouviu falar do Comércio de sebatas e fotocópias que se faz no 4º piso das Matemáticas?

## SABIAS QUE!

- A sala "Infante D. Henrique" no piso 1 do Edificio das Matemáticas foi chamada pelos estudantes sala "17 de Abril" porque foi a sala onde se efectuou a inauguração do edificio das Matemáticas e aí funcionou durante 2 semanas uma Assembleia permanente da Faculdade de Ciências? aí começou todo o processo de luta que conduziria à greve a exames de 1969.

- Que os operários da "Robialac" estiveram em greve mais de uma semana por melhores salários? Qual seria a tua posição se fosses engenheiro ou tecnico nessa fábrica?

- Sabias que em 69/70 todos os cursos tinham delegados de curso e que a Junta de delegados de curso funcionava com a participação de dezenas de estudantes na defesa dos seus interesses.

- Sabias que a Assembleia Magna que decretou greve a exames se realizou com mais de 5 mil estudantes num total de pouco mais de 8 mil estudantes.

- Sabias que Francisco Lopes Pereira ex dirigente associativo da associação académica de Lourenço Marques um dos 70 estudantes "afastados" do Técnico NUNCA ESTEVE EM LISBOA?

## NAS AFINAL PORQUE ESTÁ ENCERRADO O EDIFICIO SOCIAL?

O Director Redinha não nos abre as instalações sociais pois ao Fascismo nunca interessou qualquer prática social que não seja controlavel por ele. Incapaz de controlar ideologicamente os estudantes e as suas Associações não lhe resta outro caminho se não o seu asficionamento e encerramento. Temos a experiência bem próxima da AAC encerrada vai para 3 anos. E no prosseguimento da sua politica de não reconhecimento das Pró- Associações e da progressiva retirada aos estudantes do controle dos seus locais de reunião e convivio, que se insere a atitude das Autoridades Académicas em não nos abrirem as salas a que legitimamente temos direito.

## IMPÕE-SE POIS LUTARMOS PELA ABERTURA DAS SALAS.

A experiência das lutas estudantis é grande e mostra-nos, temos o exemplo bem proximo da heroica luta dos nossos colegas do Tecnico, que é possível fazer retroceder as autoridades académicas nas suas posições. É possível abrir a AAC assim como é possível forçar o Director a abrir as nossas salas. Criando estruturas organizadas na faculdade, lançando processos de luta pela abertura das salas, criando um forte movimento dentro da escola que congrega todos os estudantes na luta por este objectivo, conseguiremos ter local onde fazer as nossas sebatas, onde estudar, onde passar as nossas horas de lazer, onde discutir os nossos problemas.

Ou será que teremos que ser toda a vida máquinas de calcular ao serviço de uma minoria opressora e exploradora?

# A L G U N S      A P O N T A M E N T O S      P A R A      A H I S T O R I A      D A S      A S S O C I A Ç Õ E S E M      P O R T U G A L      - I -

## I N T R O D U Ç ã O

"A existência das associações académicas enquanto organismos democráticos (com hábitos e processos democráticos) é um verdadeiro quisto na estrutura fascista da Universidade. Por isso são alvo de ataques constantes.

A criação das associações é uma conquista quase contemporânea da República, (1910), na mais velha Universidade Portuguesa e numa das mais velhas da Europa, a Universidade de Coimbra.

Essa conquista perdurou e alargou-se a outras Universidades. Em 1911 Porto e Lisboa já tinham as suas organizações eleitas. Elas resistiram ao golpe militar de Maio de 1926 e perduraram até aos nossos dias, apesar de todos os golpes tentados pelo Fascismo para as domesticar.

I) Em DEZEMBRO DE 1956, o governo em face da crescente força adquirida pelas AAEE faz publicar o decreto-lei nº40900. Este decreto estabelece as seguintes normas, que são um atentado grave às associações - Abolição das Assembleias Gerais, exigência de autorização do director da escola para qualquer realização, proibição dos contactos inter-associações e com organizações estudantis internacionais, exigência de um delegado do director da escola junto das associações, etc, etc.

No dia em que a Assembleia Nacional se preparava para aprovar este decreto, que 'decretava' a morte das associações, mais de 5.000 estudantes de Lisboa invadiram a Assembleia, não tendo o decreto sequer sido submetido a votação.

## 2) Alguns dados cronológicos da CRISE DE 1962:

Em Fevereiro, cria-se o Secretariado Nacional Provisório dos Estudantes Portugueses. Marca-se para Coimbra, de 9 a 11 de Março, o I Encontro Nacional de Estudantes.

Em Março, por despacho do MEN proíbe-se a realização do I Encontro Nacional de Estudantes. Apesar de as Direcções Associativas terem enviado várias exposições sobre o assunto, o MEN deu como única resposta o silêncio. Nesta conformidade os estudantes de Coimbra, em Assembleia Magna, e os estudantes de Lisboa, em RIA, decidem realizar o Encontro.

Os autocarros que se preparavam para partir de Lisboa são impedidos de o fazer pelas autoridades policiais. Os autocarros vindos do Porto são impedidos de entrar em

Coimbra pela polícia do choque, postada numa das entradas da cidade. Mas os estudantes do Porto chegam a Coimbra a pé.

Realiza-se o encontro (colóquios, mesas-redondas, sarau e convívio). O MEN corta os subsídios à AAC, 13 de Março.

Os estudantes de Lisboa não aceitam colaborar nas comemorações do 50º aniversário da Universidade Clássica.

Manifestação de protesto à entrada do local onde iria decorrer as sessões da comemoração do Aniversário da U.C.. A PIDE identifica dezenas de estudantes.

O Reitor da Universidade de Lis-



boa, Marcelo Caetano, reabre a cantina sem uma base de entendimento com os estudantes. Os estudantes boicotam a cantina. Fazem-se greves e manifestações satíricas.

O Senado cede. É formada uma comissão de estudantes e professores para estudar o funcionamento e gerência da cantina.

24 de MARÇO — Lisboa — DIA DO ESTUDANTE. Centenas de estudantes do Porto e Coimbra que pretendiam dirigir-se a Lisboa são impedidos de o fazer, de camionete.

A polícia de choque intercepta, na Amadora, o comboio que transportava o Reitor das Letras e o Rector da Universidade de Coimbra, que iam tomar parte nas comemorações do Dia do Estudante. A polícia prende os estudantes e transporta-os de volta a Coimbra em carrinhas da polícia.

A polícia de choque, fortemente armada, bloqueia a Cidade Universitária de Lisboa. O Reitor, Marcelo Caetano, negocia com o MEN e o Ministro do Interior a retirada da polícia.

A polícia carrega sobre milhares de estudantes que se encontravam reunidos nas escadarias do Estádio Universitário.

O Reitor promete aos estudantes um encontro num espaçoso restaurante do Lumiar. No trajeto para esse restaurante, quando chegavam ao Campo Grande, os estudantes são barbaramente agredidos à coronhada, em sucessivas cargas da polícia de choque. São presos dezenas de estudantes.

---

ABRIL. MAIO. JUNHO. de 1962

#### Lisboa

O MEN não faz o que tinha prometido.

O Luto e Greve são decididos continuar por milhares de estudantes, reunidos em Plenário.

As greves são cumpridas com uma percentagem superior a 95%. Em muitas escolas e em vários dias atinge-se os 100%.

As concentrações sucedem-se quase todos os dias.

25 de MARÇO — A autonomia universitária está definitivamente desrespeitada.

Em Medicina, de Lisboa, na sala dos alunos, uma RGA com centenas de alunos é evacuada por a polícia de choque, que agrediu violentamente os presentes.

As notas do Ministério da EN, da Rádio Universidade e da Emissora Nacional difamam, provocam e apelidam de subversiva a actividade associativa.

A Cantina Universitária é encerrada pelo Governo, sem atender sequer ao Conselho Académico, Senado Universitário ou Comissão Administrativa das Instalações Académicas.

26 de MARÇO — O Plenário dos estudantes de Lisboa, com milhares de estudantes, decreta pela primeira vez na Academia, LUTO ACADEMICO e GREVE às aulas.

A Assembleia Magna dos estudantes de Coimbra, com a presença de mais de 2.000 estudantes, decreta também, em sinal de protesto e apoio a Lisboa, LUTO ACADEMICO e GREVE às aulas.

27 de MARÇO — O MEN concede uma entrevista a uma delegação das AA.EE..

O Luto é suspenso nas 2 Academias.

Os estudantes presos nos últimos dias são postos em liberdade.

As AA. EE. solicitam à imprensa a publicação de um comunicado em que se relata e se toma posição sobre os acontecimentos ocorridos no Dia do Estudante.

29 de MARÇO — A Comissão de Censura continua a impedir a publicação, nos jornais, do esclarecimento das AA.EE..

Os estudantes são insultados em notas governamentais

Fazem-se manifestações. Faz-se Greve de Fome.

Numa só noite são presos 1.200 estudantes. Na falta de lugar nas prisões fascistas lutadas de presos políticos, os rapazes vão para um campo militar ao ar livre, e as raparigas para o calabouço civil.

Procura-se o apoio dos professores o que se consegue largamente. Este apoio torna-se patente nas votações dos Conselhos Escolares, Senados, reuniões de assistentes, pedido de demissão de professores e assistentes. Denuncia-se os docentes que por acções e atitudes ostilizam a luta dos estudantes e entram no coro da calúnia e do colaboracionismo.

Cede-se às tentativas de solução, pára-se com a greve para negociar e contra-ataca-se quando a solução se transforma em manobra e chantagem.

### Coimbra

3 de Maio - é demitida a direcção da AAC e nomeada, pelo MEN, uma Comissão Administrativa.

É proibida a Assembleia Magna.

Manifestação de 4.000 estudantes que são 'aguardados', na Praça da República, pela polícia de choque de metrelhadoras em punho e ninhos de metrelhadoras.

São ocupadas, dia e noite, pelos estudantes, as instalações da AAC.

A polícia cerca a AAC.

Greve às aulas.

Os estudantes formam uma segunda linha de resistência que assalta a Torre da Universidade e ocupam-a, fazendo ouvir os sinos em toda a cidade.

A polícia de choque, a mando do Reitor, Braga da Cruz, invade a Universidade (facto sem precedente) e prende dezenas de estudantes.

Realizam-se Assembleias Magnas no Parque de Santa Cruz.

É nomeada, concretamente a Comissão Administrativa.

180 estudantes assaltam e ocupam de novo a AAC.

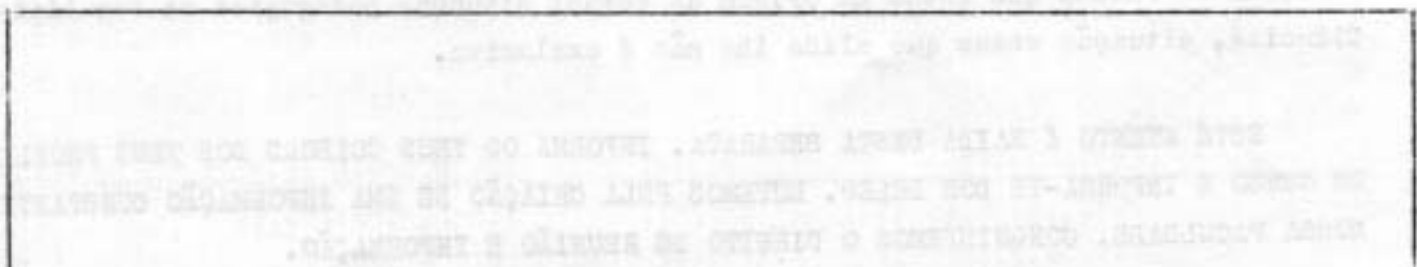
A polícia de choque cerca e invade as instalações associativas, prende os estudantes e entrega 44 à Pide, que os envia para Caxias.

O Reitor é desmascarado, em Assembleia Magna, pelos estudantes, que pedem a sua demissão. Não se realiza a Queima das Fitas.

### Porto

Realizam-se Plenários e concentrações.

Decide-se greve às aulas, que é cumprida com êxito, de apoio aos estudantes das cidades mais atingidas pela repressão governamental.



-6- EM 61- 62 OS ESTUDANTES PORTUGUESES TRAVARAM UMA DAS MAIORES LUTAS DE TODA A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL PORTUGUÊS.

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO PORTUGUÊS MOSTRA-NOS QUE MESMO QUANDO A LUTA DOS ESTUDANTES FACE A VIOLENTA REPRESSÃO FASCISTA RECUA, NO MOMENTO SEGUINTE AVANÇA E SEMPRE NO SENTIDO DE UMA MAIOR CONSCIENCIALIZAÇÃO ESTUDANTIL.

1964 e 1969 FORAM ANOS DE NOVAS GRANDES LUTAS ESTUDANTIS. DEZENAS DE ESTUDANTES FORAM PRESOS E ESPANCADOS.

EM 1964 UMA JOVEM ENLOQUECEU NA PRISÃO E DOIS OUTROS ESTUDANTES TENTARAM SUICIDAR-SE COM AS LENTES DOS PRÓPRIOS ÓCULOS A QUANDO DE TURTURAS A QUE FORAM SUJEITOS.

APESAR DE TUDO SEMPRE CONSEGUIMOS RECONSTRUIR E MANTER AS NOSSAS ESTRUTURAS DEMOCRÁTICAS, REABRIR AS AAEE SEMPRE QUE ELAS ERAM ENCERRADAS, MANTER E REFORÇAR A IMPRENSA LIVRE ESTUDANTIL.

EM 1971 MAIS UMA VEZ A REPRESSÃO FASCISTA SE ABATEU SOBRE AS ESTRUTURAS ESTUDANTIS:

- A AAC foi encerrada.
- Estudantes foram presos.
- O direito de reunião e informação foi bárbaramente reprimido.

3 ANOS DEPOIS, IMPÕE-SE ACELARARMOS A LUTA PELAS NOSSAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES,

REFORÇANDO A INFORMAÇÃO;

PORÇANDO O DIREITO DE REUNIÃO;

ELEGENDO ESTRUTURAS DE FACULDADE E DE CURSO REPRESENTATIVAS DOS ESTUDANTES;

EXIGINDO A REABERTURA DA AAC E A REALIZAÇÃO DE ELEIÇÕES.

### MAIS UMA ÉPOCA DE EXAMES

Passamos recentemente por mais uma época de exames. Novamente nos foi imposto um mapa de exames. Novamente nos foram tiradas as segundas chamadas. Novamente houve nossos colegas que não chegaram a ir a exame pois chumbaram logo nas frequências, perdendo assim as duas épocas de exame. Novamente houve cadeiras com percentagens altíssimas de chumbos. Novamente prescreveram a algumas cadeiras alguns dos nossos colegas.

Sendo geral o descontentamento dos alunos da nossa faculdade, urge uma profunda discussão das razões desta situação e organização de uma ampla luta contra a situação presente para que na próxima época de Julho não deparemos com esta mesma situação de uma forma desorganizada.

Tendo em conta a importância deste facto para o futuro da situação escolar na nossa faculdade, entendeu-se dedicar este assunto, que em princípio se pensou para este boletim, numa separata a este boletim a sair muito brevemente, em que se pretende analisar as razões que estão na origem da actual situação pedagógica na Faculdade de Ciências, situação essas que aliás lhe não é exclusiva.

ESTÁ ATENTO A SAÍDA DESTA SEPARATA. INFORMA OS TEUS COLEGAS DOS TEUS PROBLEMAS DE CURSO E INFORMA-TE DOS DELES. LUTEMOS PELA CRIAÇÃO DE UMA INFORMAÇÃO CONSTANTE NA NOSSA FACULDADE. CONQUISTEMOS O DIREITO DE REUNIÃO E INFORMAÇÃO.



Após a saída da tão "discutida" reforma do Ensino Superior, o Governo desencadeou uma violenta vaga repressiva contra o M.A. em geral e as AA.FE. em particular.

A política terrorista seguida pelas autoridades na Universidade reflete a incapacidade daquelas em conseguir satisfazer ou sequer suportar as reivindicações do movimento associativo.

Na impossibilidade de conseguir outra solução, o Governo não hesita em ocupar as Universidades policialmente, em espingardear reuniões, em assassinar, em prender, em torturar, em suspender, em expulsar.

O Fascismo está na ofensiva na Universidade; Os recentes ataques e saques policiais às instalações associativas de Medicina e Farmácia de Lisboa provam que todos os recursos foram mobilizados: desde a intervenção policial directa até à vergonhosa mistificação que a imprensa fabricou (o assalto à Medicina, é anunciado como a descoberta de uma tipografia clandestina).

A ofensiva governamental visa destruir o M.A., aniquilar as suas estruturas. Mas os estudantes de Medicina, através de acções de massas souberam fazer recuar a repressão e mostraram o caminho a seguir.

A história do M.A. mostra claramente que embora a repressão possa temporariamente enfraquecer o movimento (caso do I.S.T.), não o pode destruir; é possível resistir, construir movimentos ainda mais fortes. Avançar.

Neste momento é necessário alargar o movimento, mobilizar amplas massas de estudantes para os objectivos fundamentais:

abertura das associações encerradas;

direito de reunião e informação;

fim dos processos disciplinares, das expulsões, das suspensões.

É possível ainda, levar parte considerável do corpo docente a apoiar as reivindicações estudantis (particularmente nas escolas em que a necessidade de professores impede às Autoridades uma selecção cuidadosa e uma hierarquização compacta) É o caso dos assistentes do I.S.T., do Conselho escolar da Faculdade de Medicina (que não aprovou a invasão policial), etc.. As posições tomadas pela Ordem dos Engenheiros, pelos médicos do Hospital de Santa Maria, por exemplo, mostram que os estudantes detêm e podem alargar o apoio de sectores profissionais ligados ao ensino.

Por considerarmos de grande interesse a luta travada pelos estudantes do IST nos últimos tempos apresentamos seguidamente a cronologia dos acontecimentos no IST durante 1973.

1972

JUNHO — Greve a exames cumprida quase integralmente cujo objectivo, plenamente conseguido é a reabertura da Associação de Estudantes do AEIST.

1973

3 MAIO — Na sequência do apoio à luta dos estudantes de Letras contra os gorilas, realiza-se uma reunião na Cantina da Cida de Universitária. A polícia intervém, há agressões à tiro e ficam gravemente feridos

um estudante no abdómen e outro numa perna. São presos 16 estudantes do IST entre os quais CARLOS COSTA presidente da AEIST que viria a ser sujeito a 18 dias de turtura de sono em Caxias.

MAIO — O Director Sales fecha o Instituto para impedir os estudantes de tomarem posição sobre tão grande problema.

JUNHO — São marcados os exames de 2ª época do 1º semestre para o 2º quinzénio de Julho. O Técnico continua encerrado.

5 JULHO— Uma R.G.A. decide greve aos exames de Julho como forma de protesto. As Reivindicações apresentadas são:

- cessação das torturas.
- libertação dos estudantes presos.
- reabertura da AEIST.

11 JULHO— O Conselho Escolar anuncia a anulação do 2º semestre. São postos processos à direcção. A direcção é suspensa.

16 JULHO— Começam os exames. A greve é cumprida com 1% de furos.

— É libertado Carlos Costa.

SETEMBRO— Numa carta dirigida a todos os alunos o Director propõe novas datas de exames. A AEIST continua encerrada e não foi levantada a suspensão do semestre.

20 SETEMBRO— Uma R. G. A. realizada fora do Técnico decide greve aos novos exames. As reivindicações são:

- levantamento dos processos.
- recuperação do semestre.
- reabertura da AEIST, etc. .

28 SETEMBRO— Uma Assembleia Geral Extraordinária da Ordem dos Engenheiros considera que a abertura incondicional da AEIST é condição indispensável para a normalização da vida associativa.

1 OUTUBRO— Está marcada uma concentração federativa para a porta do Técnico. A polícia dispersa os estudantes.

6 OUTUBRO— A greve decorre com pequena percentagem de traidores.

12 OUTUBRO— Dia de luta contra a repressão. Está marcado um plenário de todos os estudantes de Lisboa. A polícia ocupa a cidade Universitária.

23 OUTUBRO— Terminam os exames fantochas.

2 NOVEMBRO— Reabrem as aulas no IST.

S i t u a ç ã o : Contínuos evitam reuniões e colagem de cartazes; filmagem contínua do IST por 1 aparelho; exigência de cartões à entrada; não são dados cartões à direcção da AEIST e mais alguns estudantes.

— Realizam-se, apesar de tudo, reuniões de curso.

10 NOVEMBRO— Está marcado uma RGA. O Técnico fecha nesse dia.

14 NOVEMBRO— Reunião de 700 alunos de manhã e 300 à tarde que toma carácter de RGA — denuncia o comportamento policial e exige aos Conselhos Escolares a satisfação das seguintes reivindicações até próxima

RGA.

- Abertura da AEIST.
- novas datas de exames.
- adiamento do prazo de incorporação militar.
- revogação do inquérito à direcção.

17 NOVEMBRO— O Técnico é fechado " para tomar medidas "

— Nova carta do Sales a informar que o IST abrirá a 26.

26 NOVEMBRO— O Técnico não abre. Sai o Dóbroto que permite aos Directores recusarem arbitrariamente matriculas de alunos.

29 NOVEMBRO— Em nova carta o Director anuncia a expulsão de 70 estudantes e aviso prévio para mais cem.

4 DEZEMBRO— RGA dentro do Técnico onde estão os estudantes expulsos. É destruída a máquina de filmar. É decretada greve às aulas.

5 e 6 DEZEMBRO— Greve Geral sem furos.

11 DEZEMBRO— É realizada uma RGA, dentro do Técnico com cerca de 600 estudantes. É lançado o boato de que a polícia vai entrar que faz dispersar os estudantes presentes na RGA. Cerca de 10 carrinhas da polícia entram depois.

12 a 18 DEZEMBRO— Dentro do Técnico existem três carrinhas com polícias. À entrada existem piquetes de polícia. Em redor do Técnico existe polícia. Frente à entrada principal estão estacionadas mais duas ou três carrinhas com polícia.

Na vanguarda de toda a nossa luta têm estado os estudantes do Técnico, unidos e organizados na sua Associação. De facto, os estudantes do Técnico têm muitas vezes estado na vanguarda das lutas estudantis de Lisboa, seja apoiando lutas em certas escolas, seja participando activamente nas movimentações federadas, onde tem tido peso decisivo, seja ainda através da forma consequente como dentro da sua escola tem defendido os seus interesses colectivos desenvolvendo uma ampla actividade associativa. Por isso, o governo usou energeticamente as suas forças repressivas contra os estudantes do Técnico, contra o seu movimento organizado, contra a sua Associação.

Assim, o Técnico é, neste momento, um exemplo perfeito do que é uma escola-quartel, com polícia de choque e vigilantes por todos os lados, com entradas controladas, com 70 estudantes expulsos, 80 suspensos, com todas as actividades associativas rigorosamente proibidas e com a Associação encerrada.

Nas por outro lado, o Técnico é também um exemplo perfeito duma escola onde os estudantes se têm batido com uma firmeza e valentia exemplares.

ooo ooo ooo ooo ooo ooo

Considerando a recente luta dos estudantes de Medicina de Lisboa, um processo exemplar de luta contra a repressão que a nível nacional, tomando formas sem precedentes, se abate sobre as AAEE, apresentamos a seguir o relato destes recentes acontecimentos.



Na madrugada do dia 3/2/74 um forte aparato policial assalta e saqueia as instalações associativas dos estudantes de Medicina de Lisboa.

1- Sob o pretexto de procurar explosivos a polícia abre a maçaneta as portas de ferro que protegiam a secção de folhas, prende um estudante empregado da secção editorial, rouba os copiográficos, máquinas de escrever e destrói o material que não pode levar (off-sets, gira-discos, sebentas, cartazes) e sela a Associação.

2- A imprensa oficial promove uma campanha caluniosa para justificar aos olhos da população o encerramento da Associação.

Nos jornais aparecem títulos como:

" OPERAÇÃO SURPRESA "

" INSTALAÇÕES DESCONHECIDAS NO HOSPITAL DE Sta MARIA "

" TIPOGRAFIA CLANDESTINA DESCOBERTA "

3- Os estudantes de Medicina respondem à provocação.

No dia 4/2 realiza-se uma RGA com cerca de 600 alunos que decidem quebrar o selo da porta e continuar a RGA no interior das instalações associativas. Aí aprovam um comunicado à população e entram em GREVE das aulas.

4- Na madrugada do dia 6 a PIDE mura a porta que dá acesso às instalações associativas. Numa nova RGA marcada para esse dia demonstram a firme vontade de defender a sua Associação derrubando o muro e impondo a realização da RGA dentro da sala de Alunos. Decidem manter firmemente a Greve pelo reconhecimento da reabertura da Associação e pela libertação do colega preso.

Numa carta dirigida ao MEN, o director da Faculdade de Medicina apresenta o seu desacordo relativamente à invasão da Associação, dizendo que era do seu conhecimento a existência de portas blindadas, construídas devido aos frequentes assaltos a que eram sujeitas as instalações, e pede a sua demissão do cargo de Director, o que já havia afirmado perante os estudantes.

5- Posteriormente em nova RGA os estudantes de Medicina levantaram a Greve, dando o normal funcionamento da Associação.

ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo

( cont. artigo pag. 10 )

" Os engenheiros que decidem seguir apenas a carreira docente, uma minoria, já que em geral a acumulam com uma actividade profissional, serão os continuadores dos seus assistentes e professores, e por certo mantem as características do ensino. Por várias razões evidentes e até porque estão amputados da experiência profissional que lhes poderia ter aberto as perspéctivas no sentido que vimos referindo. Os outros que simplesmente trocam por outra a sua actividade profissional serão em parte vítimas de uma orientação profissional inexistente."

" Em conclusão podemos resumir dizendo que, dados os condicionalismos em que se exerce, a profissão de engenheiro em Portugal encontra-se no centro de uma contradição fundamental: uma atitude exclusivamente ' técnicoista ', prolongamento da filosofia instalada na escola, com todas as denúncias e tacitos compromissos que comporta; uma atitude que procura sentir a técnica como um meio de progresso económico-social, e portanto situa-la em relação a opções fundamentais sobre a dinâmica da sociedade global, com todos os conflitos e intranquilidade activa que ela exige."

Texto recolhido com base no artigo de J. M. Pereira - Engenheiro: profissão mal dita? - in SEARA NOVA nº 1463 de Setembro de 1967.

Iniciamos neste Boletim uma série de artigos sobre a situação do Engenheiro em Portugal.

Em primeiro lugar, convém dizer que o engenheiro pertence economicamente às categorias sociais privilegiadas do país. "Pode dizer-se que um diploma de engenheiro em Portugal é uma espécie de epólide de seguro de nível de vida material. Ou um passaporte para a vida desafogada, para o tal prestígio social, para a despreocupação do "lar, doce lar", cobertos mesmo os riscos de um ou outro percalço que contrarie uma procriação comodamente programada. Acresce ainda que as escolas de engenharia, pela natureza dos seus programas e, sobretudo, pelos condicionalismos que intervêm na selecção e na própria actividade do corpo docente, dirigem o seu ensino e formação (se é que dela se pode falar...) aos aspectos estritamente técnicos ou científicos. A ideia de que o engenheiro é um animal social parece alheia das preocupações dos nossos pedagogos" (...). "A parte um ou outro caso em que pesaram factores exteriores (formação familiar, p. ex.) e daqueles estudantes que, apercebendo-se dessa monstruosa lacuna, voluntariamente procuram colmatar-la (p. ex. trabalhando nas Associações de Estudantes), os futuros engenheiros estão preparados, na melhor das hipóteses para ser técnicos mais ou menos competentes. Falta-lhes tragicamente a perspectiva social.

"Ao sair da escola, quatro hipóteses, em traços gerais, são possíveis: trabalhar na profissão, seguindo a linha de gabinete (cálculo, projecto, laboratório, investigação) ou a de execução (fábrica, estaleiro, mina); tomar pela carreira docente; abandonar a profissão por outro. Analisemos os casos mais significativos.

"O recém-formado que entra imediatamente para um trabalho de estudo em gabinete corre o risco (corremos todos...) de nunca vir a sonhar que a profissão de engenheiro tem enormes implicações no plano da sociedade global. Trabalhando individualmente, ou em pequenas equipas de técnicos como ele, ou, quando muito, com um reduzido pessoal com quem as suas relações são em geral de exclusivo carácter profissional (analistas, num laboratório; desenhadores, num gabinete de projecto, etc.), nunca terá, à parte um ou outro caso individual, ocasião para extrair das suas relações de trabalho qualquer ponto de partida para uma reflexão mais ampla. A régua de cálculo ou o tubo de ensaio serão os seus interlocutores privilegiados. A própria natureza do trabalho que executa, ou melhor, o destino dele, dificilmente lhe porá quaisquer problemas de consciência. Projectar um edifício para um asilo de orfãos, investigar a eficiência de um insecticida, desenvolver a fórmula de um explosivo, calcular as estruturas de um edifício de apartamentos que irá substituir um bairro de lata, de que aliás desconhece a existência — tudo lhe é soberanamente indiferente. O que importa é que os cálculos estejam correctos, que a investigação seja bem conduzida. A partir daí — não é com ele."

"Muito mais complexa é a situação dos que iniciam a sua actividade num emprego industrial em que são desde logo chamados a um trabalho ligado à produção. (...) Nestas condições, ao fim de um breve período de adaptação, o jovem engenheiro, vê-se a braços com uma função de chefe e aí começam as dolorosas surpresas. Ele vai compreender que, perante o pessoal, muito mais do que o técnico, ele é o representante da empresa. Através dele chegam ao pessoal as instruções, ordens, regulamentos da direcção. A ele são postas as reclamações, as críticas, as reivindicações. Ele constatará, ao fim de pouco tempo, que, em certos casos em particular (empresas recentemente construídas, p. ex.) mais de metade da sua ocupação diária diz respeito a assuntos de que nunca ouviu falar, a problemas derivados da existência de homens sob as suas ordens. Ele descobrirá a total inadaptabilidade da sua própria linguagem ao tratamento de tais casos, para os quais a régua de cálculo não oferece socorro. Ele terá de se definir, quanto mais não seja pela ausência de definição. (...) Ele é um técnico, foi para isso que estudou, 'no fundo' não tem nada a ver com os problemas do pessoal, vai limitar-se a pretender ser apenas um veículo de informação nos dois sentidos".

"Mais dramático será o caso daqueles que decidem enfrentar lucidamente as dificuldades surgidas — ou porque já estivessem para isso preparados ou porque a inteligência nem sempre abdica. Esses ver-se-ão, ao fim de algum tempo, envolvidos numa teia de incompatibilidades diante da qual terão de reconhecer a sua impotência. Serão tentados por uma atitude paternalista que, em geral, lhes ganharia as boas graças de superiores e inferiores. Mas uma análise mais profunda leva-los-á a concluir quais os interesses que efectivamente decidiram perfilhar. Uma nova recusa a esta solução e, a partir desse momento, reflexão não pode deixar de conduzir para fora dos limites da empresa".



A conolamada reforma da educação propõe-se como objectivo proporcionar uma verdadeira democratização do ensino; nas palavras de prof. Veiga Simão: "A reforma tem por fim servir o povo".

Nas presentes condições (económicas, de saúde e previdência) quantos e quais portugueses poderão percorrer o caminho necessariamente longo que vai da instrução primária (?) ao ensino superior?

O actual ministro tem esperança: "Tudo o motor do progresso reside na educação. Desenvolva mos a educação que o resto há-de vir". Mas será realmente possível proceder a uma democratização do ensino. Uma verdadeira democratização do ensino é impraticável sem profundas opções políticas, sem um projecto global que envolva e empenhe a sociedade por inteiro. Só que alterar esta situação não está ao alcance de qualquer reforma de educação, por mais avançada que se apresente. "Uma reforma é uma reforma. Se pretende alterar uma situação não é contudo uma revolução.

A reforma valerá assim pelo conteúdo e métodos que vier a adoptar, ponderando a acção levada a cabo nestes últimos três anos e o balanço não parece oferecer dúvidas: a tónica foi colocada sobretudo nos aspectos quantitativos- tantas escolas abertas, tantos novos alunos, tantos milhares de contos. As cifras tornadas públicas em números absolutos são de facto consideráveis, mas os verdadeiros problemas do ensino foram abordados decididamente?

Vejamos em síntese algumas questões que a actual situação do ensino suscita:

1. Quais os progressos realizados no ensino pré-primário?
2. O ensino obrigatório é gratuito. Mas quanto custa esse ensino gratuito (em livros, material escolar, em sobrecarga económica para o agregado familiar?
3. Ao aumento da escolaridade correspondeu ou não um decréscimo da qualidade de ensino?

a) Consequência do recurso a professores menos qualificados?

b) Dos programas e métodos que continuam a não tomar em consideração a realidade dos discentes- predominância das disciplinas intelectuais e métodos não activos.

4. As estruturas da Escola foram em alguma parcela modificadas pela actual reforma?

a) O aluno teve oportunidade de ter um papel activo- ou pelo contrário a sua vida escolar continua, agravada frequentemente pela imposição dos desdobramentos, um suceder de aulas e professores, donde o convívio e a função educativa estão praticamente ausentes?

b) Aos professores foi-lhes proporcionada qualquer participação na elaboração dos programas, e na gestão da escola?

c) A escola constituirá actualmente um centro educativo, ou antes um mero centro de instrução (aliás mediocrê)?

d) Os encarregados de educação viram aumentadas as suas possibilidades de participação na orientação da escola e na elaboração dos programas?

5. Qual o papel sistemático atribuído aos "mass-media" (jornais, Rádio, Televisão no combate efectivo e directo ao subdesenvolvimento educativo do povo português?

6. A Reforma Educativa tal como está a ser promulgada, poderá proporcionar igualdade de acesso à Universidade entre os filhos das classes possidentes e os das classes populares?

7. A Reforma já transformou de alguma maneira a Universidade?

A participação dos alunos tornou-se uma realidade?





## MODELO "SALESIANO" DA UNIVERSIDADE

